ANO 32.º | Sábado, 16 de Setembro de 1939 | N.º 1594

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Rèpublicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: **IMPRENSA UNIVERSAL**
Rua Combatentes da G. Guerra — Telef. 125 — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto — **Agência Havas**

O princípio duma orgânica

Princípios básicos a que tem de obedecer

A base do *Regionalismo*, o seu *princípio primeiro* é o Homem, ou, melhor ainda, é a Pessoa Humana. Não se pressupõe que, para adquirirmos a posse íntegra desse princípio, haja necessidade absoluta de empregar a Revolução em tôda a amplitude. O organismo social tem cancros enraïzados que só dêsse modo é possível dominar, vencer e destruir; mas é, do mesmo modo, evidente que há funções só paulatinamente substituíveis, dado o carácter obrigatório da continuidade vital da sociedade.

O objectivo mais alto da Revolução está, antes de mais nada, em nos vencermos a nós mesmos, conquistando-nos para a nossa personalidade.

Quando, conscientes voluntàriamente dos nossos deveres, formos «senhores» indiscutíveis da nossa vitalidade material e espiritual, teremos firmado na *rocha* os alicerces dum futuro humano e a Revolução, desde aí, pode avançar, sem temor, a caminho dos seus objectivos finais. Começará pelo Homem de que fará *um meio*, o primeiro meio, para, transitando gradualmente, por outros meios, os verdadeiros meios, o atingir, em última projecção, como finalidade transcendente de todo o labor social.

O Homem é o fim, embora, de passagem, transitòriamente, se veja na contingência de ter de ser *um* meio, o primeiro meio de que a si mesmo se serve. Os outros meios, os meios permanentes, os meios naturais, os meios *necessários*, localizam-se, uns após outros, na Família, na Localidade, no Município [1], na Região, na Nação e no Estado, e, finalmente, na Humanidade.

E' na Humanidade que o Homem encontra o seu complemento absoluto, a sua definitiva realização de Homem. Não se compreende doutra maneira, pois o Homem só o é inteiramente quando possua, e nelas se integra, as suas características universais. E' até curioso verificar que as obras literárias, artísticas, filosóficas, políticas e sociais, mas as obras de valor, só adquirem a consagração de todos os povos quando agitam os sentimentos universais do Homem, quando no-lo apresentam imbuído de esperanças superiores à restrição ontológica, geográfica ou social, quando o interpretam independentemente do tempo e do espaço.

Visto que o Homem é *o fim* em si mesmo, analisemos sumàriamente os *meios* a empregar para conseguir êsse fim.

Temos em primeiro lugar a Família.

O que é a Família?

Considerando-a na sua essência, ainda nos estádios mais diversos e distantes, a-pesar-de tôdas as teorias hipotéticas saídas de cérebros esquentados, ela é um agrupamento natural que visa a propagação da espécie. Debatendo-se muitas vezes com problemas instantes que, de momento, a pretendem atrofiar, destruir, e, até mesmo, suprimir, a Família é a primeira sociedade constituída, remontando, com feições temporárias ou permanentes, aos tempos em que o Homem se perde nos arcanos da pré-história. A partir de então, ela tem mantido, reproduzido e aumentado a população humana, e contribuído decisivamente, indipensàvelmente, para o progresso e para a civilização. Directa e indirectamente, é devido à sua existência que, pelos tempos fora, se revelam os grandes heróis, muitos santos e muitos sábios. A Família é, por si, uma fonte geradora de energias e um laboratório em permanente actividade onde se formam os contornos da sociedade de àmanhã. Invulnerável e perfeita, tanto quanto lho permitem os grilhões que escravizam o próprio Homem, ela tem resistido e resistirá sempre às convulsões que amarfanham as outras sociedades. Está aí um dos reflexos do seu carácter de sociedade natural [2]. Rolão Preto, considerando-a dentro das algemas do presente e estudando-lhe a fôrça criadora, definiu-a assim:

«A Família é o centro moral em tôrno do qual se desenvolve a Personalidade».

E' uma fórmula exacta.

Logo em seguida à Família surge-nos a Localidade. Compreendamos o que seja. Logo que o Homem principia a alargar os seus horizontes sociais além da Família, encontra, pela sua frente, a Terra regada com o seu suor, quer na expressão rural-agrícola, quer na mineira, industrial, piscatória, salícola, pedagógica, jornalística, etc., etc., e participa, quando lhe é possível, no progresso, na valorização e na administração restrita dêsse ambiente. Eis aí o que é uma Localidade: expressão do Trabalho e do Espírito no primeiro plano do seu desenvolvimento.

E' na Localidade que o Homem se prende ao Trabalho, à Terra e à Profissão, dotando-se-lhes sem limites, integrando-os na sua própria Personalidade. Em compensação, êles representam, da Localidade, o justificado orgulho do Homem pelo que o cerca e dão-lhe um sentido na vida. E' tal o amor do Homem à Terra, principalmente a esta, que a defende com a vida, palmo a palmo, quando a insídia estranha lha disputa. Assassinatos, agressões, rixas, processos judiciais que tiram conclusões de premissas falsas, são disso testemunho abundante. Se não fôra assim, outras perspectivas bem diversas seriam as do mundo. O insípido, o desintetêsse, o não-te-rales, o definhar constante do Homem num acabrunhamente avassalador irresistivel, arvorar-se-iam em *modus vivendi* e imporiam a postimária da sociedade como derradeira conclusão!...

Ainda no mesmo sentido, mas num campo de acção já maior, depara-se o Município com prerrogativas judiciais e administrativas, primeiramente e sobretudo judiciais, a cuja sombra reverdecem, ganham corpo e se aperfeiçoam as determinantes do *Regionalismo*.

O Município é como que uma capital, séde de govêrno e de autoridade, autoridade *escolhida* e *aceite*, jàmais *imposta*... O govêrno central é a livre disposição dos municípios e não tem sôbre êstes senão uma autoridade coordenadora e verificadora da aplicação das normas impostas a tôdas as obrigações nacionais. Uma coisa lhe compete em função de justiça inexorável: a punição sem atenuantes daqueles que, nas suas funções de autoridade ou administração municipal abusem do seu poder ou não afirmem honestidade impecável. Isto é para prevenir abusos que o centralismo autoritário não pode nunca eliminar... Ao invez, porém, cabe ao Conselho Nacional dos Municípios velar pelos mesmos predicados nos representantes centrais do govêrno da Nação.

Vem logo depois a Região.

Pelo que fica exposto sôbre o Município, parece que devia dispensar-se a Região por inútil. Mas se olharmos com atenção, verifica-se que ela é o expoente máximo da economia do País e o garante da eficiência social do movimento regionalista. A Região económica assegura-nos a coordenação das producões e de consumo por natureza, qualidade e quantidade dos produtos. E' claro que há a tomar em conta os produtos que predominam em cada Região, pois não contam aqueles que não transpõem os umbrais do produtor, devido a serem consumidos em sua casa. Para exemplificar referiremos: uma região cerealifera de trigo, uma região cerealífera de milho, uma região cerealífera de centeio, uma região cerealífera de arroz, uma região vinícola do Douro, uma região de vinho verde, uma região de vinho maduro, uma região piscatória, uma região salícola, uma região pastoril, etc., etc. E' claro que, devido ao carácter profundamente rural do nosso País, estas regiões, tôscamente esboçadas, são mixtas, pois não há produtos duma que não se encontrem, em maior ou menor quantidade, nas outras. E eis aí, também, porque a Região se impõe económica e socialmente, protegendo as producões e especializando o trabalho em benefício do trabalhador e do produtor. Em benefício do primeiro, estabelecendo salários mínimos, seguros de trabalho, invalidez, doença, reformas na vélhice, de harmonia com os recursos da Região. Em benefício do segundo, melhorando a mão de obra, aperfeiçoando a técnica e melhorando a produção.

Chegamos, depois, à Nação e ao Estado onde se discerne, orienta e dispõe superiormente dos interêsses gerais da comunidade, interpretando-os na sua feição interna através dos órgãos anteriores, e defendendo-os na feição externa, prestigiando e propagandeando o valor internacional da mesma como parte da Humanidade e como entidade moral, política, religiosa, intelectual, civilizadora, de finalidades humanas universais.

Transitamos, assim, de limites concretos, pequenos agrupamentos, a outros agrupamentos cada vez mais complexos e abstractos para irmos cair no mais abstracto e geral de todos: a Humanidade.

E' esta última sociedade a que se iguala à Família na permanência eterna fora do tempo, do espaço, da raça, da côr, das tendências e dos interêsses.

E' muito possível que tendamos para uma fase de absoluta Humanidade, reduzindo cada vez mais as muralhas que separam os povos; mas, para isso, é preciso que nenhum dêsses povos exerça domínio sôbre os outros. Estaremos, então, numa fase de *humanismo* perfeita em que as riquezas, o bem-estar, as regalias, tudo quanto há sido, séculos atrás de séculos, previlégio de castas, será repartido fraternalmente por todos os homens. Concebe-se dialécticamente tal estádio de civilização; porém, é tão longínqua a possibilidade do seu advento, é tão bela e paradisíaca a sua frescura, que nós julgamos o Homem incapaz de nela se manter, dadas as suas qualidades psicológicas, dado o seu irrequietismo, dada, ainda, a diferença de tendências que torna a vida o conjunto de variedades que nos seduz, nos conquista, nos robustece pela luta e nos extasia perante o imprevisto... Dadas as condições presentes de vida e supondo que elas não se modificam profundamente, totalmente, diremos que êsse futuro é miragem estonteante.

* * *

Muito resumidos e mal alinhavados, aí ficam os princípios que julgamos básicos a que tem de obedecer o *Regionalismo* para se afirmar uma realização digna de aplausos e capaz de integrar o Homem nas suas liberdades para que possa compreender e praticar **conscientemente** os deveres que não provenham de liberdades por intermédio dos direitos.

JORGE VERNEX

(1) Sôbre os municípios há duas teorias. Uma é a sustentada por Alexandre Herculano e afirma que o Município é uma criação jurídica de origem romana. Outra foi defendida por António Sardinha e diz-nos que o Município é uma instituição autóstone peninsular, caracteristica dos antigos povos hispânicos e ainda verificável nos bérberes, que são um ramo ou uma continuação dos peninsulares ao norte da Africa.

De harmonia com a nossa doutrina regionalista, achamo-nos inclinados para a opinião de António Sardinha, sem, contudo, menospresar a de Herculano. Na verdade, é possível que os romanos fizessem *direito* duma instituïção que já encontraram nos povos conquistados, tanto mais que assim ficavam de bem com Deus, defendendo os seus interêsses, e com o Diabo, aproveitando as organizações dos povos submetidos, embora modificando-as sensivelmente.

(2) Só há duas sociedades naturais: a Família e a Humanidade. A' primeira deu Jesus Cristo o foro divino e definitivo; à segunda abriu-lhe as possibilidades da fraternidade, incitando os povos a amarem-se, sobretudo inimigos.

Porque estalou a guerra

Eis como de Paris a *Havas* se pronuncia sôbre as causas que determinaram a actual conflagração europeia:

A situação económica e financeira do Reich explica simultâneamente a razão por que Hitler desencadeou a guerra.

No ano de 1938 o balanço comercial do Reich foi deficitário em perto de duzentos milhões de marcos e nenhuma exportação invisível permitiu equilibrá-lo. Por outro lado: no princípio dêste ano a divida total do terceiro Reich podia ser computada aproximadamente em sessenta biliões de marcos. Como saír desta situação? Schacht tinha indicado três soluções: acréscimo de impostos, taxar os capitais depositados ou aumentar a circulação fiduciária. Em vão os nazis experimentaram um quarto que consistia simplesmente em confiscar certos bens particulares ou tomar conta das reservas ouro dos paises conquistados. Tresentos e vinte milhões de marcos encontrados na Austria e 500 milhões apreendidos aos judeus e o encaixe metálico do banco nacional checoslovaco foram simples gotas de água no oceano.

Foi, portanto, preciso escolher sôbre as três propostas do director do banco emissor. O aumento de impostos era incompatível com o prestigio do regimen. Taxar os capitais depositados era puramente quimérico. Restava a inflação. A esta era Schacht, director do banco emissor, francamente hostil. Portanto teve de ceder o seu lugar a Walter Fuhek que organizou o seu plano com uma vasta emissão garantida pelas receitas futuras e problemáticas do Estado. Êste é de opinião que o rearmamento é um negócio rendoso cujas receitas irão crescendo. Pode-se, portanto, dizer que no dia em que Hitler optou pela inflação seguiu o caminho da guerra. A' Alemanha faltam vinte por cento dos géneros alimenticios necessários à subsistência minima da sua população em tempo de paz. Tôdas as matérias primas, à excepção do carvão e lenha, faltam. A Alemanha só se pode reabastecer, do que lhe falta, pelas vias terrestres ou pelo Baltico, ainda que em quantidades insuficientes.

Presidente da Rèpública

=o=

O paquete *Colonial* chegou a Lisboa na terça-feira de tarde com o sr. General Carmona, que nêle fêz a sua segunda viagem à Africa onde ficou assinalado o grande prestígio da nossa Pátria atravez a imprensa de todo o mundo.

Devido à guerra, a recepção foi revestida da maior simplicidade, tendo, porém, o povo da capital dispensado ao venerando Presidente da Rèpública Portuguesa, que tanto se tem distinguido nêsse alto cargo, as melhores provas do seu respeito e simpatia.

O Democrata também se associa ao jubilo da nação pelo feliz regresso do sr. general Oscar Carmona.

Não tem quem o queira...

O Eden-Teatro, de Lisboa, que foi pertença do sr. Conde de Sucena e a Caixa Geral de Depósitos adquiriu para pagamento do que aquele lhe devia, pôsto pela terceira vez em praça, esta semana, não teve quem cobrisse a base de licitação — 6.000 contos.

Falta de capitais?

Jôgo?

Retraimento?

O futuro o dirá.

Abundância de carapau

=—=

Vindo de fora — que as costas do nosso litoral deram o que tinham a dar — tem-se apregoado por essas ruas excelente carapau, que se vende barato, pois chegou, em Matozinhos, a adquirir-se cada cabaz cogulado por cincoenta centavos.

Cinco tostões!

Faz-nos lembrar, isto, o tempo em que, com pouco dinheiro, se vivia à farta.

AQUELA PORTA!...

—o—

Quem passa na Rua de José Estêvão e repara numa porta, em frente ao Banco de Portugal... Com franquêsa: não condiz com a categoria da rua e muito menos com o que é de esperar dos habitantes duma cidade.

Entendem-nos?...

No bairro do Alboi

=—=

A comissão das festas que é costume realizarem-se nêste populoso bairro às Santas Mártires, já distribuiu o respectivo programa, anunciando-as para 30 do corrente e 1 e 2 de Outubro.

Serão abrilhantadas pela *Banda Amizade*.

Êste número foi visado pela Censura

Abertura da caça

—o—

Teve lugar no dia 15, pelo que se registou a passagem por esta cidade de alguns devotos de Santo Huberto em excursão venatória.

E' outra guerra, mas mais proveitosa para os apreciadores de bons acepipes...

Pobres animais!

=—=

A guerra obriga, infelizmente, a sacrificar os animais perigosos. Por isso todos os que pertenciam à categoria dos ferozes e se encontravam no Jardim Zoológico de Londres foram mortos no dia 8, figurando nêsse desvaste 6 leões pequenos, tigres, lobos, hienas, etc., etc., etc.

Pobres animais! Como êles inspiram compaixão — dó! — em presença da outra ferocidade espalhada pelo mundo!...

OS ADUBOS

O ministério da Agricultura acaba de fazer esta comunicação importante:

Tendo-se notado alguma inquietação pela demora no fornecimento de adubos, esclarece-se que essa demora se deve exclusivamente à excessiva afluência das requisições de meios de transporte.

Foram tomadas as providências necessárias para a normalização dos serviços.

Informa-se também que a seu tempo se constituiram as reservas de adubos indispensáveis ao abastecimento do país nesta emergência e que os preços são idênticos aos do ano findo.

Aviso aos lavradores.

Obras em S. Jacinto

—o—

A fôlha oficial publicou na terça-feira um decreto que autoriza a Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro a celebrar contrato com Altino Ferreira dos Santos e António Pereira da Silva para a execucão da empreitada parcial dos trabalhos constantes do projecto de regularização e revestimento dum trôço na margem norte da praia de S. Jacinto e construção de quatro cais acostáveis pela importância de 420.365$89.

Oxalá agora os trabalhos se não façam esperar muito tempo.

O papel de jornal

—x—

Já dissemos que subiu de preço, quer o estrangeiro, quer o nacional. Foi mesmo das primeiras coisas. E então um colega de Lisboa sai-se com esta:

Jornal da Tarde gostava de encontrar justificação, sombra de justificação que fôsse — para o aumento de dez escudos na resma do papel do Prado. Claro que a culpa ou é dos produtores, ou dos armazenistas ou das casas papeleiras. Mas, se houver necessidade de saber, de certeza

Diante duma taça de Barrocão ninguém deserta

quem a tem, assistiremos a um jôgo de empurra, no fim do qual se provará que são todos muito sérios. No entanto, o papel vende-se — isto é que ninguém nega — a mais dez escudos por resma.

O caso é êsse. E é que ninguém lhe pode fugir. A tempestade está armada. Ora se o pano da amostra é êste, quem nos há-de acudir quando ela se desencadear com tôda a violência?...

Para grandes males...

—o—

Ao encontro do que se estava passando de anormal na vida do país, veio esta semana a portaria que passamos a transcrever:

Ao abrigo do disposto do artigo 1.º e seu parágrafo único do decreto lei 29.904, de 7 do corrente, manda o govêrno da Rèpública Portuguesa, pelos ministros do Interior e Comércio e Indústria, o seguinte:

1.º—As autoridades administrativas e policiais, a G. N. R. e o Serviço de Fiscalização do Organismo Corporativo e de Coordenação económica, ficam autorizados a exigir de todos os estabelecimentos comerciais e industriais que lhes declarem o seguinte:

a) as suas existências e regimen em que se encontrem (conta própria, comissão, consignação, etc.);

b) a data de aquisição das existências e a sua entrada no estabelecimento;

c) preços de venda na semana que terminou em 28 de Agosto ultimo;

d) preços de venda no momento.

2.º—No caso de falsas declarações, alta injustificada de preços ou de recusa também injustificada do vendedor de mercadorias, as autoridades e serviços indicados no número 1, devem levantar auto da ocorrência.

O auto será assinado por duas testemunhas e o autuado intimado para no praso de 24 horas se justificar por escrito.

As autoridades e serviços indicados no número 1 remeterão o processo, no praso de 48 horas, ao conselho técnico corporativo do Comércio e Indústria.

3.º—O vice-presidente do conselho técnico corporativo do Comércio e indústria, submeterá o processo a despacho do Ministro do Comércio e Indústria que fixará a sanção a aplicar ao autuado, a qual consistirá no encerramento provisório do estabelecimento.

Do despacho do Ministro do Comércio e Indústria não haverá recurso.

4.º—Nos estabelecimentos que fôram mandados encerrar pelo Ministro do Comércio e Indústria, em virtude do disposto nesta portaria, deverá ser afixado em lugar bem visivel um aviso ilucidativo das causas do referido encerramento.

Oxalá que não seja necessário adoptar nenhuma destas medidas. Oxalá. Mas se não fôsse assim, aonde estariamos a esta hora?...

A festa de Verdemilho

—o—

Não assistimos êste ano; mas gente não faltou à tradicional romaria da Senhora das Dores, que, por isso, esteve animadissimo, prolongando-se até altas horas da noite.

O fôgo, do hábil pirotécnico de Viana do Castelo, José de Castro, deslumbrante—magnífico!

Três jazzes tocaram em vários pontos da quinta onde se dançou e folgou quási sem descanso e com entusiasmo—dizem-nos.

E' assim. Assim é que nós gostamos da mocidade..

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Herminia Ferro Baptista; àmanhã, a sr.ª D. Rosa de Pinho Cabrita, esposa do sr. Artur Martins Cabrita, funcionário da Direcção de Estradas do Distrito; no dia 18, os srs. Manuel Cação Gaspar e João de Oliveira Frade, professor oficial em Fafe; em 19, o nosso amigo José Nunes de Figueiredo, guarda-livros em Agueda; em 20, a sr.ª D. Alzira do Vale Varela, esposa do sr. José Eduardo de Pinho Varela, empregado na filial dos Grandes Armazens do Chiado, e em 21 sua filhinha Maria Graciette.

Gente nova

Na madrugada do dia 8 teve, em Lisboa, o seu bom sucesso, dando à luz uma robusta criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria Fernanda Pina, esposa do sr. Henrique Pina, empregado nos escritórios da C. P., e filha do nosso velho amigo, dr. Joaquim António de Azevedo e Castro, digno juiz do Tribunal da Bôa Hora.

Com os nossos parabens aos pais e avós do recem-nascido, fazêmos votos por que êste encontre no mundo a felicidade que sempre desejámos para a sua familla.

Praias e termas

De S. Martinho da Gandara (O. de Azemeis) foi passar o resto do corrente mês ao Furadouro com sua esposa, a sr.ª D. Ester de Rezende Godinho e filhos, o sr. José Lopes Godinho, ambos professores oficiais.

—Do Luso regressou com sua esposa a esta cidade o sr. Manuel Cação Gaspar.

Partidas e Chegadas

De passagem para Lisboa esteve, quarta-feira, nesta cidade, o nosso amigo Francisco António Wenceslau, tenente de Cavalaria 9, em Chaves.

—De Abrantes, onde esteve como gerente da filial do Banco N. Ultramarino, foi transferido para Viseu o sr. José de Oliveira Barreto, que continuará a exercer aquelas funções.

Doentes

Obteve sensiveis melhoras em Sever do Vouga, de onde já regressou, a sr.ª D. Bebiana de Rezende Vieira, esposa do sr. Francisco das Neves Vieira, 2.º sargento de cavalaria 8.

CARTA DE LISBOA

14 de Setembro de 1939

Portugal de Salazar

Assim que o grave conflito que presentemente envolve grande parte da Europa eclodiu, o Govêrno português, conscio das suas responsabilidades e dos seus deveres, apressou-se logo a marcar a sua posição.

Aliado da Inglaterra, sem jàmais esquecer os deveres e obrigações que o unem à grande nação, Portugal pôde, no entanto, no presente momento, manter a neutralidade perante os acontecimentos.

País que alicerçou e edificou todo o seu progresso na Paz; que na Europa conturbada do nosso tempo tem sido, por mais duma vez, um forte e eloqüente factor de Paz, Portugal quiz ainda, nesta hora difícil para o Mundo, ser mais uma vez um exemplo.

Formando com a Espanha, cuja neutralidade foi também já pùblicamente declarada, um bloco de trabalho que se imporá, mesmo na gravidade das actuais circunstâncias, Portugal pôde ajudar a contribuir para que no extremo ocidente da Europa reine a mais produtiva e segura serenidade.

Assim, guiada pelo génio superior de Salalar, a nossa Pátria pode continuar, mesmo nas horas difíceis que o mundo atravessa, a obra da renovação e exaltação a que meteu ombros.

Resta agora que todos os portugueses, unidos como um só homem à volta do Chefe, saibam e possam cumprir o seu dever, disciplinadamente, portuguêsmente.

Para tanto basta que se tenham sempre presentes as palavras do Govêrno na proclamação ao País, declarando a nossa neutralidade, palavras do mais são e sereno patriotismo que nenhum português deve esquecer.

A defesa do consumidor

Logo que foi declarada a guerra e na iminência de haver quem tentasse fazer os açambarcamentos e especulações de 1914, o Govêrno de Salazar resolveu promover as medidas necessárias para não só tranquilizar o público, como garantir o seu normal abastecimento em géneros de primeira necessidade.

Confiando à Organização Corporativa a fiscalização do abastecimento de todo o País, o Govêrno não só afirmou, mais uma vez, o seu muito interêsse pelo público consumidor, como soube pôr, de novo, em relêvo as enormes vantagens da Ordem Corporativa.

Desde que o público mantenha a sua serenidade e confiança, não procurando comprar senão aquilo de que carece para as suas necessidades diárias, o abastecimento do País está assegurado. Não se repetirão os trágicos dias de 1914.

Garante-o o Govêrno e em Portugal, já todos sabemos, que o Govêrno nunca falta ao que promete.

Medida de circunstância

O sr. Ministro da Educação Nacional determinou, e muito bem, que todos os espectáculos públicos passem a terminar às 11,30, com meia hora de tolerância ou seja às 0 horas.

E', evidentemente, uma medida digna do maior aplauso, não só pela economia que traduz, como também pelo que significa na tão necessária morigeração dos costumes, procurando demiuuir a tão desnecessária e não raro prejudicial vida noturna do país.

GIL DO SUL

Atenção para a 4.ª página

Efemérides

16 de Setembro

1498—Morre Torquemada, o famoso inquisidor, que deixou nome na história.

1900—Sai em Lisboa o 1.º número do diário *O Mundo* e o *Jornal de Abrantes* inicia uma subscrição para a oferta duma pena de ouro a França Borges, seu director.

1908—*Pátria Nova* é condenada no tribunal da Boa Hora, em Lisboa, por causa dum artigo do seu director.

1912—Os amigos de *O Mundo* festejam o seu aniversário com um almoço no Teatro da República.

Da Terra Nova

Iniciou-se o regresso da nossa frota bacalhoeira, tendo já esta semana entrado a barra com carregamento completo de peixe, os lugres *Rainha Santa Izabel*, de Pascoal & Filhos, e *Santa Izabel*, da Emprêsa de Pesca de Aveiro, L.da, vindo os outros a caminho.

A campanha dêste ano decorreu nas melhores condições e sem novidade de maior até ao presente... Oxalá que depois da entrada do último barco possâmos dizer o mesmo.

Acertada medida

Ao longo das estradas cujo concerto deu origem a um transito mais intenso, está-se operando uma radical transformação que consiste no arranjo exterior dos prédios e dos muros por forma a apresentarem-se com melhor aspecto.

Realmente aquilo que se via através essas povoações era desolador e causava péssima impressão. Motivo por que nos devemos congratular com o sucedido, louvando as entidades às quais também se acha confiada a missão de concorrerem para o aformoseamento das nossas aldeias.

A' MARGEM DA GUERRA

Abaixo a especulação criminosa!

Aos protestos que sugeriram contra o súbito aumento dos preços de várias mercadorias, junta-se nêste momento uma exposição da Secção Distrital do Pôrto do Sindicato Nacional dos Farmaceuticos, que se dirigiu à autoridade superior nos seguintes termos:

«Ex.mo sr. Governador Civil do Pôrto:

O açambarcamento dos produtos quimicos destinados ao uso médico, e o das especialidades farmacêuticas de origem estrangeira produziu já os seus naturais efeitos: a alta dos seus preços—quanto às primeiras e a sua rarefação quanto às segundas.

Logo, a dois dias de guerra, a estranha atitude se revelou: armazenistas e representantes de casas estrangeiras de mãos dadas com os droguistas concertaram-se na mesma ambição de lucros, sem razão plausivel que os absolva, fazendo entre si a campanha silenciosa da alta dos preços.

Nos produtos quimicos, o iodo *que dois dias antes da declaração de guerra pela Inglaterra e pela França, estava a 110$00 esc. o quilo, subiu dum salto para 180 esc.; o* dermatol, *que era de 110$00 esc. o quilo, elevou-se para 150$00 esc.; a* tanalbina *que era de 90$00 esc. o quilo, sofreu um aumento de 300%; a* glicerina *desapareceu, escondida, sem dúvida, em lugar seguro; o* sulfato de sódio, *idem; o algodão hidrófilo, a gaze hidrófila e outros pensos, só por favor se obtem em pequenas quantidades já com preços carrilados para a alta, esperando o momento de um mais favorável salto.*

Esta meia dúzia de exemplos, para não fatigar v. ex.ª na leitura extensa duma lista, que, afinal, seriam todos os produtos químicos, darão a v. ex.ª o quadro exacto da situação criada aos farmacêuticos: por um lado ameaçados de um eminente esgotamento dos seus actuais stocks *que os privará àmanhã poderem continuar a exercer os seus deveres profissionais, isto é, fazer face às necessidades da saúde pública, ou, tendo de o fazer, serem obrigados a colaborar tacitamente, sem nenhuma vantagem material, com os especuladores insofridos, os droguistas, habitualmente seus fornecedores—e de cujas responsabilidades morais—a classe farmacêutica desde já repudia.*

Quanto às especialidades farmacêuticas estrangeiras o panorama, embora afecte outra modalidade, os resultados são idênticos.

Já os farmacêuticos são considerados pelos droguistas, para o efeito das aquisições, como sendo público, sem os habituais descontos, sendo-lhe vendidas as especialidades, algumas sem desconto, ou apenas com 10%; noutras, fez-se de propósito o seu desaparecimento para serem àmanhã vendidas por debaixo de mão e pelos mais elevados preços — consoante as necessidades dos compradores.

São êstes os factos, sucintamente enumerados, que a Secção Distrital do Porto do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos traz ao conhecimento de v. ex.ª, solicitando-lhe, em nome do interesse público, as providências urgentes e necessárias. E' que em tal situação, desta exploração deshumana, resultam desde já duas vítimas, pelo menos— o público que paga a ambição desordenada e sem freio dos droguistas—cuja margem de lucros nessas especialidades variavam entre 30 e 40%, e os farmacêuticos já anteriormente apontados como sendo os únicos exploradores responsáveis e que afinal de contas tinham de limitar-se ao exiguo desconto que êsses senhores lhes faziam— e que hoje lhes foram pura e simplesmente suprimidos!

Impõe-se, contra êste estado de coisas, que num breve praso obrigará os farmacêuticos dêste distrito a encerrar as portas dos seus estabelecimentos, ou por falta de matérias primas necessárias ao seu labôr, ou pelo exagêro dos preços dela pelo que esta Secção pede licença para indicar a v. ex.ª, no sentido de remediar a gravidade do momento, e as suas conseqüências futuras;

1.º — Que seja desde já realizado um manifesto dos produtos químicos existentes na drogarias, seus armazens, e armazens de importadores.

2.º— Que se faça cumprir imediatamente as disposições da Lei—o Decreto n.º 17.636—que na última parte do seu art. 2.º proîbe aquelas de vender especialidades farmacêuticas ao público — e o disposto no Despacho Minesterial de 10 de Março de 1939.

Sugere também que alguns dêsses produtos quimicos, como os sais de iodo, bismuto, quinino, ópio e outros de uso constantes, sejam apreendidos e removidos para os depósitos da Farmácia Central do Exèrcito nesta cidade, onde seriam vendidos aos farmacêuticos por conta dos especuladores, sofrendo-lhes todos os encargos e quebras das operações de vendas e, finalmente impôr o cumprimento rigoroso da Lei sôbre lucros ilícitos.

Eis, ex.mo senhor o que a Secção Distrital do Porto do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos entende quais as medidas que importa deverem ser tomadas desde já, frustando assim as tentativas de verdadeira exploração pública que os armazenistas, droguistas e representantes de casas estrangeiras no nosso País pretendem realizar, assaltando a bôlsa do público e da classe farmacêutica.

O presidente da direcção

(a) Manuel das Dores Tello da Fonseca

IMPRENSA

«NOTÍCIAS DE ÉVORA»

Felicitamos o diário regionalista da manhã pela sua entrada no 40.º ano e só estimaremos que outros aniversários possa registar, de futuro, com a mesma satisfação até hoje manifestada.

«REVISTA DOS CENTENÁRIOS»

O n.º 8, publicado no fim de Agosto, continua a propaganda das comemorações do próximo ano, mas, pelo geito que as coisas levam, não nos parece que haja possibilidade da sua realização. Aguardamos, no entanto, o que fôr resolvido.

Desinterdição

—x—

Pelo sr. Administrador Apostólico da diocese de Aveiro foi no dia 8 desinterdita a antiga Banda do Troviscal, que há 14 anos tomara parte num entêrro civil, incorrendo, por êsse facto, na alçada da lei canónica, que o sr. Bispo de Coimbra lhe aplicou sem remissão de pecados.

A Banda do Troviscal é uma das melhores do distrito e nessa conformidade claro que nos congratulamos por a ver de novo apta a mostrar o seu valor ao ser-lhe permitido alargar o raio de acção.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Secção Desportiva

Natação

Estão anunciadas para terça-feira da próxima semana algumas provas desta modalidade com a cooperação de alguns nadadores de fora.

Terão início às 20,30 horas.

Regatas do Outono

A exemplo dos anos anteriores, a Secção Náutica do *Club dos Galitos* já trabalha afanosamente na sua organização, para que no dia 15 de Outubro tudo esteja a postos de forma a decorrerem com brilhantismo as provas a disputar.

As *regatas do Outono* vão marcar mais uma vez, pois os seus organizadores estão animados da melhor boa vontade para que se faça coisa de geito que prestigie o Club e honre a cidade.

Necrologia

No bairro de Sá finou-se domingo, com 69 anos, José Gomes de Sousa Júnior, empregado dos caminhos de ferro, aposentado, e natural de Vila Chã (Pombal).

Era viuvo, vitimou-o uma hemorragia cerebral e o seu cadáver foi sepultado no cemitério novo.

* * *

Em Manaus (E. U. do Brasil) faleceu sùbitamente, no dia 13 de Agôsto, a sr.ª D. Sofia Cardoso, natural da próxima vila de Ílhavo e que há muito ali residia com seu marido, o sr. Bernardino dos Santos Baptista.

A extinta deixa dois filhos maiores, era cunhada do hábil fotógrafo sr. José Ramos e contava 63 anos.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, José Estácio de Pinho, viuvo, de 75 anos, e Custódia Maria de Jesus, viuva, de 70, natural de Oliveira de Frades e mãe do sr. Joaquim Moreira, distribuidor dos correios; e na *Quinta do Picado*, Conceição Ferreira Valente, de 23, casada com Júlio Simões Maia Novo.

Dr. Querubim Guimarães

Encontrando-se a veranear em S. Jacinto, durante o corrente mês, vem a Aveiro tôdas as quintas-feiras, podendo ser procurado, em sua casa, das 12 às 17 horas.

Agradecimento

—o—

Joaquim Augusto Pina, cabo de mar em S. Jacinto, filhos e restante familia, reconhecidos, agradecem às pessoas que se incorporaram no funeral de sua saudosa esposa e mãe, Maria Emília da Silva Pina, falecida no dia 8, no Hospital da Misericórdia, e bem assim às que lhes enviaram condolências.

Aveiro, 13 de Setembro de 1939.

Emprêsa de Reboques, L.da

(Sociedade por cótas)

Séde na Gafanha da Nazaré

Não tendo, por falta de número legal de sócios, funcionado a Assembleia Geral por mim convocada para o dia 9 do corrente mês, nos termos do Artigo 184 do Código Comercial, convoco os Ex.mos Sócios para nova reünião que terá lugar no dia 7 de Outubro próximo, pelas 15 horas, no escritório da Sociedade, no alto da Cale-da-Vila, da Gafanha da Nazaré, afim de, na mesma reünião se votar ou não a dissolução da Sociedade e sua liquidação.

Ésta reünião funcionará com qualquer número de Sócios.

Gafanha da Nazaré, 12 de Setembro de 1939.

Pela Emprêsa de Reboques L.ª

O Gerente,

Alberto Ferreira Martins

UM CONFLITO?

Observações dum novo a Alsácia Fontes Machado

Em artigo de fundo, publicava *O Trabalho*, de Vizeu, no dia 31 de Agosto, os seguintes períodos que, com a devida vénia (1), destaco para dêles tirar as necessárias conclusões:

1) «*Na evolução fatal que a mentalidade e o espírito vão sofrendo através das eras, há sempre um antagonismo, um* **desencontro** *de idéias, que estabelece o* **conflito**, *de onde brota, afim, a luz, e o Progresso avança um passo mais.*»

2) «*Assim, na vida política, como social, científica, artística, literária, etc., o* **desencontro**, *a desagregação de êsses elementos dá-se, o* **conflito** *manifesta-se e o fenómeno produz-se.*»

3) «*E, não obstante, o Presente afirma-se, passo a passo, vitorioso, se bem que penosamente, sôbre o passado decadente.*»

4) . . . «*constatar*» . . .

5) «*Como, pois, haveria de o homem* **parar** *e contentar-se* **para sempre**, *com princípios estabelecidos e que deverão infalivelmente, caducar por si mesmos, como a folhagem das árvores no outono?*»

6) «*Vemos velhos de cabelos brancos que deveriam oferecer-nos exemplos de bom-senso e de tolerância, pela experiência obtida, encarniçarem-se agressivos, contra tudo o que é novo.*»

7) «*Sem dúvida que de êle não nos podemos desligar absolutamente: para atingirmos o dia de hoje, todos os dias que passaram foram degraus que subimos. Mas se é verdade que sôbre estudos de velhos os novos assentaram as suas descobertas e os seus inventos de hoje, indubitável é que aos novos de deve sempre o que de melhor e de mais progressivo conhecemos.*»

. . . .

Como se trata duma senhora a quem, portanto, são devidas tôdas as atenções, eu apresento-lhe as minhas homenagens e peço licença para discordar das suas opiniões e, ao mesmo tempo, dizer porquê.

Vejamos a consistência e a veracidade das suas afirmações se poder concluir:

1) Existe o conflito? Se existisse, não seria entre o passado e o presente, mas teriamos que o procurar entre o presente e o futuro. Não é assim, porém. O que existe é um antagonismo entre homens que *disfrutam* posições duma forma previlegiada e homens que *querem* disfrutá-las doutra. Além-disso, caso houvesse o *conflito*, como é que êle brotava a luz e o progresso avançava um passo mais? O progresso, minha Senhora, realiza-se independentemente das posições mentais e mesmo das posições políticas e económicas. A maior parte dos homens que preparam o progresso vive totalmente alheia às condições vitais que a rodeiam, completamente absorvida pelo seu trabalho, nada lhe importando além dêle! O prog esso avança principalmente devidor ao passado, porque é nos estudos persistentes doutras eras que baseia o seu labor. O presente não desmente o passado: confirma-o e baseia-se nêle para avançar mais alguma coisa. A vida é a *Revolução contínua*...

2) Nem na vida política, nem na vida social, nem na vida científica, nem na vida artística, nem na vida literária há *desencontro* ou *conflito* entre o passado e o presente. Na vida política verificam-se ontem como hoje tiranias e democracias, monarquias e repúblicas, confederações e impérios, anarquias e «carneiros de Panúrgio». Na vida social, os antigos conheceram tanto como nós a liberdade e a escravidão, o amor e o ódio, a paz e a guerra. Na vida científica, os velhos doutros tempos firmaram as bases que permitiram os trabalhos modernos. Assim, todos os inventos seriam impossíveis sem a descoberta dos princípios em que assentam e sem a confecção e manipulação dos produtos que lhes dão corpo. Na vida científica, o passado é a razão de ser do presente; nem os homens de ciência, quer sejam novos, quer velhos, se opoem... Na vida artística o mesmo se dá. As artes plásticas, a arquitetura, a arte dos sons, emfim, tôda a galeria artística dos nossos tempos se encontra perfeita e bela no passado. Os modernos arranha-céus não desvirtuam a grandeza das pirâmides do Egito e talvez sejam bem menos resistentes... O Coliseu, em Roma, não afirma êle a permanência da arte antiga muito para além da moderna? Na vida artística não há conflito. A *Venus de Milo* é tão perfeita como as melhores estátuas modernas. A arte é o reflexo da vida espiritual dos povos; portanto não se *desencontra*, continua-se e completa-se. O mesmo sucede na vida literária. Vergílio, Camões, Shakspeare; Platão, Esquilo, Sócrates, Cícero; Rabelais, Voltaire, Bernardin de Saint Pierre; António Vieira, Antetero, Quental, Bocage, Eça, Herculano; Fernão Lopes, Gil Vicente, Francisco Rodrigues Lobo, etc., etc., quem dos modernos já ultrapassou êsses nomes ou lhes empanou o brilho? Foi Venzit, Correia de Oliveira, António Sérgio, Magali, Alfredo Pimenta, Júlio Dantas, Rocha Martins ou o sr. Abel Salazar? Não! O passado realizou obras de carácter universal e humano, obras que são de todos os tempos e sempre novas. Onde está, pois, o *desencontro*, minha Senhora? Puseram-se os de hoje à altura dos do passado? Peça a resposta à sua consciência e diga-me em que os ultrapassaram êles ou se quer os igualaram todavia... Não se pode manifestar um conflito entre valores que estão em planos diversos de altitude. Nunca um reptil poderá combater uma águia, nem um verme destronar um leão!

3) Em que se afirma o presente vitorioso sôbre o passado? Para haver vitória é preciso que haja luta e o presente não combate o passado. Ora veja V. Ex.a, minha Senhora: Mande arrancar a rocha que alicerça o mosteiro da Batalha. Depois vá tirando as pedras subterrâneas dos seus muros a pretexto de que não igualam em beleza as que as encimam. O que lhe fica? Aguenta-se no ar a construção superior? E' impossível! Outro tanto acontece com o passado e com o presente. Imagine que se faz desaparecer dum momento para o outro o passado, que se faz desaparecer totalmente, com o seu esfôrço, com os seus conhecimentos, com o seu trabalho construtivo. Que fica do presente? A rama? Não é possível. Teriamos que regressar ao passado e construí-lo desde o princípio, pedra por pedra, pacientemente, para chegarmos ao presente. Isso demoraria milhares e milhares de anos, pois que, automàticamente, haveria desaparecido tôda a cultura actual num montão de escolhos, como o mosteiro da Batalha ficaria num montão de calhaus...

Decadência do passado? Gostaria imenso que me explicasse isso. Terá essa amabilidade? Quererá dizer que êle é inferior ao presente? Mas em quê? Não viveu êle todo o seu tempo? Não preencheu, por completo, os seus anseios? Porventura não é isso o que nós procuramos fazer no presente? O que V. Ex.a quere dizer ou deve dizer é que há uma continuidade inalterável no tempo e no espaço que toma o passado, no seu tempo, igual ao presente no tempo também. A diferença que existe é uma diferença de espaço tanto material como espiritualmente. Assim como eu não era possível sem o meu pai e me aproveito do seu trabalho, também o presente era impossível sem o passado e não seria o que é sem o seu concurso, sem a sua labuta. A capacidade do presente é a continuação da capacidade do passado, o que está de acordo com as leis bio-genéticas de Haekel. O desenvolvimento do indivíduo é o resumo do desenvolvimento da espécie.

4) «*Constatar*» não é português, mas sim francesismo. A palavra portuguesa é *verificar*.

5) E' verdade que o Homem não pode *parar*... Mas tem de se contentar com princípios estabelecidos, com princípios que são eternos e, portanto, sempre *novos*. Por exemplo o princípio de *justiça*, o princípio de *amor*, o princípio do *bem*, o princípio do *dever* não caducam nem se perdem em tempo algum. As fôlhas das árvores dum ano são a continuação das fôlhas do ano antecedente. Não vê que se um ano deixar de produzir fôlhas a árvore seca? Em tudo há *continuidade*, mas nalgumas coisas há *permanência*. O que varia e caduca são as *convenções*. O que é natural não caduca. As convenções são a má orgânica que o Homem introduz na realização dos princípios eternos.

6) E' certo que há dêsses velhos rotineiros... Mas também encontramos velhos permanentemente revolucionários, de espírito môço, esbraseado, vivendo, trabalhando. Ao contrário, quantos novos não se agarram a fórmulas arbitrárias que o tempo ultrapassou e desmentiu já, opondo-se tenazmente ao sôpro resgatador de novas conquistas? A *experiência*, minha bôa Senhora, é um mito! Quere-me parecer que, na realidade, aquilo que se chama experiência não é senão a defesa de previlégios e a perpectuidade de injustiças. As conquistas humanas residem só na audácia com que se despedaçam carcomidas e incoerentes instituïções, obras de má-intenção .. Até o trabalho e o sofrimento cantados por certas escolas não passam de repelente abstrusidade destinada a iludir os iacautos e a algemar os atrevidos!

7) Aqui me dá V. Ex.a razão, minha Senhora. Todos os dias que passaram foram degraus que subimos... Sôbre estudos de velhos os novos assentaram as suas descobertas... Mas, novos no *espírito* ou na *idade*? Como é que «*aos novos se deve sempre o que de melhor e mais progressivo conhecemos*»? Cristóvam Colombo só depois dos 50 anos conseguiu descobrir a América. Pasteur era aos 50 anos um ilustre e desconhecido professor. Só mais tarde êle se tornaria universal. O marechal Foch só aos 63 se tornou conhecido, quando em 1914 iniciou a luta com a Germânia. Chamberlain só foi ministro aos 53 anos e só agora o seu nome enche muitas cabeças vazias! Camões só já velho e doente conseguiu a publicação da obra que o havia de consagrar como um dos maiores poetas de todos os tempos e da Humanidade inteira!

* * *

Não há luta entre o passado e o presente, nem entre novos e velhos. O que há é uma irredutibilidade de posições entre dois blocos que diversamente encaram a maneira de o Homem realizar as suas condições vitais. No fundo, tudo se resume numa falta de cultura que leva uns a armarem-se em *protectores* indispensáveis e outros a armarem-se em vítimas, declarando-se únicos senhores do seu destino espiritual. E são-no de verdade. O poder e a jactância é que cegam os primeiros e é possível cegarem os segundos. Se êles não se declararem prontos a interpretar a Justiça, venha ela donde vier e quando vier. Se o não fizerem, tornar-se-ão reaccionários e a Revolução mais uma vez se obliterará.

JORGE VERNEX

(1) Esta fórmula é um *lugar comum* contra o qual me insurjo.

QUINTINO MAIA DIAS — VASSOURARIA AVEIRENSE

FÁBRICA DE VASSOURAS E ESCOVAS DE PIASSABA

Artigos referentes

Preços mínimos

Aven. Bento de Moura, 30

AVEIRO

VENDEM-SE

duas máquinas fotográficas, sendo uma de 24X30 de galeria e a outra de 13X18 de campo, em mogno; fundos, cantos, vitrines e mais utensílios pertencentes à arte.

Ver e tratar na R. da Sé, 1 — AVEIRO.

Propriedade

Vende-se casa sanatorial com linda horta, 300m², optimo local, a 4 km. da cidade.

Informa Albano da Conceição, Rua Almirante Reis — AVEIRO.

PRÉDIO

Vende-se, em reconstrução, com rés-do-chão e 2 andares, sito na rua Mendes Leite — Aveiro.

Tratar com Pompeu da Costa Pereira.

ESTUDANTES

Aceitam-se para serem tratados como família na Rua dos Combatentes da G. Guerra n.º 62—Aveiro.

Mercantil Aveirense, L.da

RUA DO CAIS, 13 — AVEIRO

Principais artigos desta casa

Materiais de construção

Cimento SECIL
Cal hidráulica
Ferro em barra e chapa
Chapa zincada e de Flandres
Ceresit
Ferramentas de marcenaria e carpintaria
Tintas
Gêssos
Pinceis
Brochas
Trinchas
Carvão { de forja, Cardiff, New Castle, Antracite e Polaco }
Prego
Pás de aço

Apetrechos navais

Lonas
Cordas
Cabos de aço
Correntes de ferro
Linhas de pesca
Arame de botões
Chapa de cobre
Chumbo
Amostras para peixe
Anzois { suecos Mustad & Son de todos os números, de que somos sub-agentes }
Remos
Vertedouros
Breu preto
Breu louro
Estôpa
Desperdícios
Cadernais
Bússolas
Candieiros
Diários nâuticos
Motores
Contadores eléctricos Landys e Syr
Pixe
Alcatrão
Oleo de peixe e de linhaça
Sêlos de chumbo
Sedieiras

Depositários e Representantes:

Companhia Geral de Cal e Cimento SECIL
Companhia Previdente
Companhia Geral de Combustiveis
Jayme da Costa, Ltd.

Paulo Ramalheira

MÉDICO

Doenças de bôca e dentes

Consultas todos os dias das 10 às 16,30 horas

no consultório do Dr. Soares Machado

Praça 14 de Julho (2.º andar)

AVEIRO

Arrematação

Faz-se público que no próximo dia 24 do corrente mês de Setembro, pelas catorze horas, à porta da residência da depositária Cecília dos Santos Reis, Rua do Gravito n.º 13-A, desta cidade, se há-de proceder à arrematação, pelo maior lanço oferecido, dos bens móveis abaixo designados, penhorados a Luis Mendes de Oliveira Fernandes, de Aveiro, para pagamento de contribuições em divida à Fazenda Nacional.

Designação dos bens:

Uma pipa de madeira de castanho com a capacidade de 220 litros e bem assim o vinho branco nela contido, na litragem indicada;

Uma pipa de madeira de castanho da capacidade de 360 litros e bem assim o vinho branco que ela contem, no quantitativo de 105 litros;

15 barris vazios, com a capacidade de 50 litros cada um, sendo 9 de madeira de eucalipto e 6 em madeira de castanho;

5 quartolas vazias com a capacidade de 300 a 325 litros, sendo três de madeira de carvalho Hamburgo e duas de eucalipto;

Uma secretária de pinho, duas cadeiras da mesma madeira e uma cadeira de vêrga;

Duas medidas de lata de 20 litros cada uma, uma de cinco litros, uma de um litro, uma de 1|2 litro e dois funis;

Uma prancha de madeira para descarregar vinho.

Tribunal das Execuções Fiscais do concelho de Aveiro, 12 de Setembro de 1939.

O escrivão

Artur da Graça Soares de Sousa

Verefiquei a exactidão

O Juiz

Faria e Silva

Moto «triumph»

Vende-se. Tratar com Anibal de Moura em frente ao Hospital—Aveiro.

Aluga-se

na Rua Almirante Reis, 68, rés do chão, novo, com 8 divisões, casa de banho, água encanada, luz electrica e quintal. Tratar com Manuel Bernardo, Rua de José Estêvão, 47—AVEIRO.

Armazem

Aluga-se, nas proximidades da ponte da Dobadoura, podendo servir para recolha de carros. Tratar com Jeremias Vicente Ferreira, na Estrada da Barra.

Emprêgo de capital

Prédios: vendem-se dois no melhor local da Avenida Central.

Vacaria moderna: Arrenda-se ou admite-se sócio para seu desenvolvimento.

Nesta Redacção se informa.

Automóveis

Vendem-se, com pouco uso, *Fiat Balila* e *Ford*, modelo A 2.a série.

Para vêr na *Fábrica Aleluia* —Aveiro.

CASA

na *Costa Nova*, com duas moradias, vende-se.

Trata-se com a viuva de Isaías Augusto de Albuquerque ou com o mestre de obras Francisco Duarte.

Correspondências

Oliveirinha, 14

Depois das solenidades do culto interno, seguido de procissão, no domingo, efectuou-se o arraial da Senhora dos Remédios com a assistência das músicas do Troviscal e S. João de Loure, que tocaram alternadamente, queimando-se, também, algum fogo, que, todavia, não produziu o efeito que se esperava devido ao nevoeiros cerrado não permitir o seu brilho no meio da escuridão da noite. Na segunda-feira prosseguiu ainda a festa, como de costume, mas ao anoitecer um dos foguetes incendiou três mêdas de palha ao sr. Adriano Gonçalves Madail, o que alvoroçou a população, fazendo terminar mais cêdo e repentinamente as diversões dêsse dia.

Bem se diz, às vezes, que não há gôsto sem desgôsto.

—Foi aqui bastante sentida a morte do negociante Avelino Garcia, que costumava concorrer às nossas feiras onde havia conquistado muitas simpatias e portanto larga clientela.

O seu cadáver veio para o nosso cemitério em virtude da viuva ser natural desta frèguesia.

C.

Esgueira, 15

As festas à Sr.a do Rosário, que vão realizar-se sabado, domingo e segunda-feira, serão este ano abrilhantadas pelas filarmónicas de Canelas e Travassô, constando de arraial na primeira noite, culto interno e procissão no segundo dia, e no último as habituais cavalhadas.

E já não é pouco...

—De visita a sua família encontra-se entre nós o sr. Francisco Azevedo e Melo, industrial de panificação no Seixal.

—A-fim-de se alistar na Aviação, seguiu para Sintra, o nosso amigo António Fernando Gonçalves.

—Alguns moradores da *Rua Joaquim de Melo Freitas*, mais conhecida pela do Picheleiro, teem o péssimo costume de fazer os seus despejos para a via pública, o que causa reparos.

Como não é bonito nem decente, esperamos que, de futuro, haja mais cuidado para evitar censuras.

C.

Eixo, 13

Depois de uma demora entre nós de quatro mêses, retirou hoje para Lisboa a-fim-de, em breves dias, seguir para o Rio de Janeiro acompanhado de sua esposa e filhinho, o nosso amigo e conterrâneo, sr. José Fernandes Mascarenhas Júnior.

Que todas as felicidades os acompanhem, são os nossos sinceros votos.

—Devido a um desastre que sofreu em bicicleta tem estado doente com alguma gravidade o sr. Artur Maia Amador. Vai já, porém, sentindo algumas melhoras, com o que muito folgamos.

—Em convalescença da grave enfermidade que há mêses o acometeu, encontra-se entre nós o sr. Augusto Vidal, irmão do sr. Arcebispo, D. João de Lima Vidal.

—Vai uma grande azáfama com a caiação dos prédios e muros ao longo da estrada nacional, o que dá, na verdade, um aspecto mais atraente à povoação. Há mais tempo devia ser, pois, posta em vigor tal medida.

—Por conta dos servicos electricos municipalizados estão a ser substituidos todos os postes de pinho por outros de cimento.

Quintans, 14

Tudo se prepara para que as festas deste ano à Senhora da Graça, a que na preterita semana fizemos referência, atinjam o maior explendor. E é que hão-de tê-io, devido à Comissão estar animada dos melhores desejos de chamar às Quintans muita gente de fora, proporcionando-lhe uma agradável noitada e outras diversões que façam esquecer um pouco as agruras da vida.

As ornamentações vão principiar. Oxalá, pois, tudo decorra em bôa ordem visto que com isso todos lucram e mais ainda a nossa terra.

—Acha-se quási concluido o cais mandado construir pela C. P. do lado norte da estação do caminho de ferro.

A luz eléctrica é que não há maneira de a iluminar, mesmo com os fios a passarem-lhe à porta.

Pouca sorte.

C.

PEDRO DE ALMEIDA GONÇALVES

MÉDICO

DOENÇAS DA BOCA E DENTES

Clínica geral

Consultas todos os dias úteis das 9 às 12 e das 15 às 18 horas

Praça do Comércio

(Em frente aos Arcos)

— AVEIRO —

Visitai o Parque

HORÁRIO DOS COMBÓIOS

Da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro				Linha do Vale do Vouga	
Partidas para o Norte		Partidas para o Sul		Partidas	Chegadas
5,41	tram.	7,56	tram. Fig.	7,57	10,15
5,27	correio	9,40	rápido		
7,15	tram.	10,59	correio		
10,22	»	13,40	tram. Fig.	13,45	17,56
12,56	rápido	16,19	tram.		
13,43	tram.	19,29	rápido	18,38	22,54
16,58	»	21,48	tram.		
18,04	correio	0,31	correio		
21,09	tram.				
22,27	rápido				

Do Pôrto chegam tram. às 19,05 e às 20,51, que não seguem.

A FECHAR

No Tribunal:

—Então você partiu o guarda sol nas costas dêste homem?

—Também... a perda não foi grande! Tinha-me custado 20 escudos e já estava no fio.